

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
 2003

1.ª FASE
 2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise do excerto apresentado	10 pontos
Coerência lógica da resposta	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados.....	35 pontos
Coerência lógica da resposta	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

Tópicos de conteúdo:

DA NATUREZA, Parménides

1. A opinião dos humanos é ilusória, baseia-se na aparência, mas pode ser ultrapassada à luz das exigências lógicas reveladas na via da verdade. Depois de ter aprendido a identidade entre o pensar e o ser, o jovem não se deixará iludir: «assim nenhum conhecimento dos mortais alguma vez te transviará».
2. O pensar errante dos humanos confunde ser e não ser ao nomear duas formas – a Luz e a Noite. A nomeação dos contrários supõe o não ser. Ao atribuir nomes, os homens dividem o que é uno, os contrários são ilusórios, só a unidade do ser é verdadeira.
3. Identidade entre ser e pensar.
As duas vias do pensar – a via da verdade e a via da opinião.
Conflito entre a experiência sensível e a realidade pensável.
A reconstituição do discurso ilusório dos homens, que afirma a existência dos contrários e o devir.

GÓRGIAS, Platão

1. Oposição entre natureza e convenção.
Natureza: as coisas tal como são sem interferência humana. Convenção: leis, normas e costumes que alteram a natureza.
A natureza (e não a convenção) estabelece o critério do que é justo e do que é injusto.
2. Promove os interesses dos fracos e das massas.
Fixa o que é digno de louvor e de censura.
Identifica superioridade com injustiça.
Impede os mais fortes, os melhores e os mais poderosos de gozarem «as vantagens da sua superioridade».
3. Apresentação da tese de que a virtude, a felicidade e o bem consistem na satisfação de todos os desejos e paixões, em oposição à perspectiva, defendida por Sócrates, de que consistem numa vida regrada e temperante.
Escolha entre dois tipos de vida: a filosófica, consagrada à virtude e à elevação da própria alma e da dos outros cidadãos; a política (tal como é praticada pelos oradores), dissoluta, dedicada à satisfação das paixões próprias, adulando e submetendo-se aos desejos e caprichos da população.

FÉDON, Platão

1. Carácter ilusório das virtudes que não têm a apoiá-las uma reflexão filosófica.
Servilismo, carência de perfeição e de verdade caracterizam os simulacros de virtude. Função purificadora da razão.
2. Sócrates pertence ao número dos que se consagraram à filosofia.
Purificou-se pelo uso da razão, não se poupou a esforços, deu «tudo por tudo».
Espera encontrar no Hades outros amigos e outros deuses «não menos excelentes».

3. O ascetismo espontâneo do sábio levado ao limite: filosofar é aprender a morrer. Confluência com a tradição mística: a esperança socrática de que algum destino aguarda os que morrem, destino mais compensador para os bons do que para os maus.
Tentativa de ultrapassar o plano da crença e da esperança: as provas da imortalidade da alma.

CATEGORIAS, Aristóteles

1. A substância admite qualidades contrárias, mediante uma alteração em si mesma: «uma substância que estava quente passou a estar fria».
2. Nada pode alterar a natureza do juízo: uma afirmação não pode ser ora verdadeira ora falsa. A alteração produz-se em sujeito distinto dos juízos – alteração das condições sobre as quais se formula o juízo.
3. A obra proporciona uma classificação das categorias ou tipos principais de entidade envolvidos na estrutura da realidade. O extracto apresenta a característica distintiva da categoria de substância, a qual é o substrato pressuposto por todas as outras.

O MESTRE, Santo Agostinho

1. «Homem», como nome, é sinal, é parte da oração.
«Homem», como animal, diz respeito à coisa significada.
O esclarecimento prévio do sentido em que «homem» é tomado evita afirmar que homens não são homens.
2. Segundo a lei natural, os sinais levam o pensamento para as coisas que significam.
O espírito dirige-se naturalmente para o que é significado pelas duas sílabas de «homem» – animal racional mortal.
3. Leis da significação e da comunicação: significação transitiva das palavras como exigência da comunicação.
Distinção entre palavras e coisas.
Primazia das coisas.

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Se Deus é uma realidade maior do que a qual nada se pode pensar, é também maior do que se possa pensar, pois um ser que transcende a capacidade de intelecção da criatura é, seguramente, maior do que um que possa ser adequadamente pensado por esta.
2. O Sol torna visíveis todas as coisas, mas não é ele próprio visível, pois a vista é ofuscada pelo seu esplendor.
Deus, fundamento último da inteligibilidade de todos os seres, transcende, ele próprio, a capacidade de entendimento da criatura.
3. A intenção da obra é desenvolver um único argumento que baste para demonstrar a existência de Deus e, também, «tudo o que nós acreditamos da substância divina».
A existência de Deus é demonstrada a partir da análise da ideia de um ser maior do que o qual nada se possa pensar, análise que revela a existência necessária desse ser.

A mesma ideia serve de fio condutor para o conhecimento da essência divina, seguindo duas vias distintas. Pela via de eminência são atribuídas a Deus todas as qualidades que podem ser pensadas em grau máximo – «a suma realidade sobre todas as coisas», maior do que a qual nada se possa pensar. A via de negação sublinha a transcendência de Deus relativamente à criatura – Deus é «uma realidade maior do que se possa pensar».

O SER E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Os acidentes não possuem essência completa; a sua definição necessita de um princípio (substante).
O ser afirma-se absolutamente das substâncias e apenas relativamente dos acidentes.
2. A essência encontra-se nas substâncias:
 - como dínase [forma] – porque a essência é aquilo que torna a realidade cognoscível, e a matéria não é princípio de conhecimento;
 - como matéria – porque «de outro modo as definições físicas não difeririam das matemáticas».
3. Todas as substâncias criadas – materiais e espirituais – têm essência.
Relação entre ontologia e lógica.
Valorização da ontologia.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. Recto como aquilo:
 - cujo meio não excede os extremos;
 - que se conforma com quem o dirige;
 - cuja sumidade se dirige para o alto.
2. Rectidão como objectivo da filosofia moral.
Tripla acepção de «recto»: cada acepção mostra a união de Deus com a alma.
3. Luz interior – iluminação do conhecimento filosófico, enquanto filosofia moral. União da alma com Deus – a felicidade.
Emanação das várias iluminações a partir de Deus, origem de toda a iluminação.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Seleção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido	20 pontos
Apropriação pessoal dos conhecimentos e apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra	10 pontos
Coerência lógica da resposta	20 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo, serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

Tópicos de conteúdo:

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

TEMA: Verdade e erro

Da dúvida à certeza. O *cogito* e o critério de evidência. A existência de Deus e a superação da dúvida. A veracidade divina é garantia de que aquilo que apreendemos clara e distintamente é verdadeiro.

No juízo estão implicadas duas faculdades: entendimento e vontade. Diferente extensão destas duas faculdades. O erro deve-se a um mau uso da faculdade de conhecer. Erramos quando a nossa vontade nos leva a emitir juízos sobre aquilo de que não temos um entendimento perfeito. Causas do erro: a precipitação e os preconceitos.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

TEMA: Poder espiritual e poder temporal

A Igreja e o Estado têm objectivos completamente diferentes. Objectivos da Igreja: adorar publicamente a Deus com vista à salvação das almas. Objectivos do Estado: conservar e promover os bens civis (vida, liberdade, corpo, terras, dinheiro, móveis).

A Igreja respeita ao domínio do espiritual e o Estado ao domínio do temporal.

O Estado dispõe do poder que lhe é atribuído pelos cidadãos e age por coacções e por sanções; a Igreja pode apenas argumentar, exortar e excomungar.

Uma e outro devem confinar-se estritamente aos seus respectivos domínios. O desrespeito por esta regra origina os conflitos entre a Igreja e o Estado.

A superação desses conflitos – a tolerância – faz-se pela:

- completa separação entre poder espiritual e poder temporal;
- rejeição de uma religião de Estado.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

TEMA: O milagre e a lei natural

Existência de leis invariáveis que regulam a ordem natural do mundo; impossibilidade de algo se realizar fora da ordem.

O milagre como resultado da limitada capacidade de compreensão do espírito humano.

A compreensão da ordem geral do mundo transcende todos os espíritos humanos: os milagres não podem prever-se pelo raciocínio dos espíritos criados que seguem máximas subalternas.

«Milagres do universo» como conformes à lei universal da ordem geral, mas contra as máximas subalternas.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

TEMA: A vontade como razão

A vontade como faculdade que só pode ser atribuída a um ser racional (tudo na natureza age segundo leis, só as pessoas podem agir segundo princípios).

Argumento finalista: admitindo que tudo num ser organizado tem um fim para o qual é o mais adequado, a razão só pode ter como finalidade produzir uma vontade boa em si mesma (o instinto seria mais adequado à busca de felicidade).

A boa vontade como capacidade de escolher apenas aquilo que a razão apresenta como bom.
A boa vontade só se realiza como autônoma quando a sua máxima é derivável do imperativo categórico.

Independência da vontade face às inclinações sensíveis; autonomia da vontade – razão prática – como princípio supremo da moralidade.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Ciências e filosofia

As ciências particulares têm em comum com a filosofia o conhecimento, o pensar, mas diferem da filosofia pelo seu conteúdo (o fenómeno, os objectos finitos).

As ciências pressupõem o seu objecto e a lógica, mas a filosofia não admite pressupostos, tem de mostrar a necessidade do seu conteúdo.

Ao longo da história a relação entre a filosofia e as ciências foi entendida de forma diversa. Para os alemães, a cultura científica geral não é considerada filosofia mas, «nos tempos do começo da cultura», quando se procuraram as determinações gerais do entendimento das coisas naturais, a mistura entre a filosofia e as ciências surgiu com frequência.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: Dualismo corpo/alma

Insustentabilidade do dualismo característico do «velho espiritualismo»: concepção de matéria posta em causa pela física moderna; concepção de alma posta em causa pelo criticismo kantiano.

Superação das dificuldades levantadas pela união «incompreensível» do corpo e da alma – substâncias radicalmente distintas – pela sua redução à consciência. Possibilidade de extrair a noção de espírito da noção de matéria e pressuposição do espírito na sensação.

Autonomia do espírito como um dado.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Ciência e verdade

A ciência racional, lógica, não capta a verdadeira essência do real, apenas capta aparências, o fenómeno. O mundo dos fenómenos opõe-se ao mundo da coisa em si, à essência eterna das coisas.

O princípio apolíneo da individuação e da causalidade não penetra nos abismos mais profundos do Ser.

A ciência é incapaz de alcançar a Verdade – só o conhecimento trágico capta a essência e gera a reconciliação.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Conhecimento e experiência

A existência de um fundo de referências adquiridas e de uma base de crenças e convicções implícitas em qualquer proposição empírica permite a distinção verdadeiro/falso.

V.S.F.F.

114/C/7

Todo o conhecimento tem como base convicções formadas de um modo não reflectido e capacidades naturais ou culturais.

O uso dos signos é condicionado pela socialização e pela observação; o signo só adquire significação no contexto público em que é usado intencionalmente.

A significação das frases depende das intenções com que são usadas: o conteúdo das proposições deriva da prática social.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: O filósofo como homem

O filósofo está ligado ao mundo – como qualquer homem, preocupa-se com a verdade, com os problemas do seu tempo.

Opõe-se ao presumido, que pensa sem princípios, e ao devasso, que vive sem verdade.

«O filósofo é o homem que desperta e fala.»

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Ciência e filosofia

A filosofia não pode fornecer o conhecimento do universo como um todo. A filosofia, como a ciência, é uma investigação fragmentária do mundo, pelo que o conhecimento filosófico não é muito diferente do conhecimento científico; não há qualquer fonte especial de sabedoria que esteja aberta à filosofia, mas não à ciência, e os resultados obtidos pela filosofia não são radicalmente diferentes dos obtidos pela ciência.

A filosofia aspira a um conhecimento que:

- unifique e sistematize o corpo das ciências;
- resulte de um exame crítico dos fundamentos das nossas convicções, dos nossos preconceitos e das nossas crenças.

A filosofia distingue-se da ciência pela crítica:

- analisa criticamente os princípios da ciência e da vida diária;
- procura inconsistências que possam existir nestes princípios;
- apenas aceita os princípios quando, como resultado de uma investigação crítica, não encontrou nenhuma razão para rejeitá-los.

A filosofia, ao contrário das ciências, não chegou a nenhum corpo exacto de verdades. As questões a que é possível dar uma resposta exacta pertencem à ciência, e aquelas a que não é possível dar uma resposta exacta formam o resíduo a que se chama filosofia.

As ciências, devido às suas aplicações práticas, são úteis à humanidade em geral. A filosofia, se tem alguma utilidade para os que não estudam filosofia, é indirectamente, por intermédio dos seus efeitos na vida daqueles que a estudam.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

TEMA: Saudade: palavra e sentimento

Carácter regional da palavra «saudade» e carácter universal do sentimento.

A saudade como característica constitutiva do ser humano não se confina a um povo ou a uma região.

As circunstâncias históricas particulares que estão na base do relevo concedido quer à palavra, quer ao sentimento, no noroeste da Península Ibérica, entre os luso-galaicos.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Proposição e verdade

Verdadeiro – coisa verdadeira ou proposição verdadeira – como aquilo que está conforme, que concorda. Verdade como conformidade, semelhança de um enunciado com uma coisa.

A verdade não reside originariamente na proposição, mas na possibilidade interna do comportamento aberto.

A essência da verdade da proposição consiste na correção do enunciado, mas a essência da verdade não se esgota no enunciado.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: O valor da metáfora

Crítica da concepção clássica: metáfora como «acidente da denominação, um deslocamento na significação das palavras».

A metáfora tem uma função cognitiva e não meramente emotiva; a metáfora diz algo de novo sobre a realidade, é uma autêntica criação de sentido – constrói a realidade ao mostrar e revelar novos modos de ser através de novos modos de dizer.

A metáfora possui uma capacidade interpretativa; ultrapassa o símbolo ao trazer à linguagem aquilo que permanece escondido na opacidade do símbolo, embora o símbolo mergulhe no mais fundo da experiência humana.